

O poder na esfera local

A participação popular a partir dos municípios pode ser a única alternativa viável num mundo globalizante

Carlos Castilho



Sorata

Em 1988, os cinco mil habitantes de Faro, no Pará, assumiram a administração da cidade depois de uma rebelião contra o prefeito eleito com os votos de uma localidade vizinha e rival. A sede da prefeitura, a delegacia, a Câmara de Vereadores e a casa do juiz foram destruídas pela ira bairrista dos faroenses, em sua quase totalidade agricultores e pescadores pobres. Durante três anos, a cidade viveu sem prefeito, juiz, delegado e vereadores, numa experiência que chegou a ser classificada como anarquista por políticos paraenses. Faro pode estar isolada na imensidão da selva amazônica e seus rebeldes moradores seguramente têm uma noção muito rudimentar sobre o que está acontecendo no resto do Brasil. Mas, no momento em que os habitantes do povoado assumiram a administração municipal, a aplicação da justiça e passaram a exercer uma democracia direta no estilo caboclo, Faro deixou o anonimato e tornou-se um exemplo curioso de um novo fenômeno político no país.

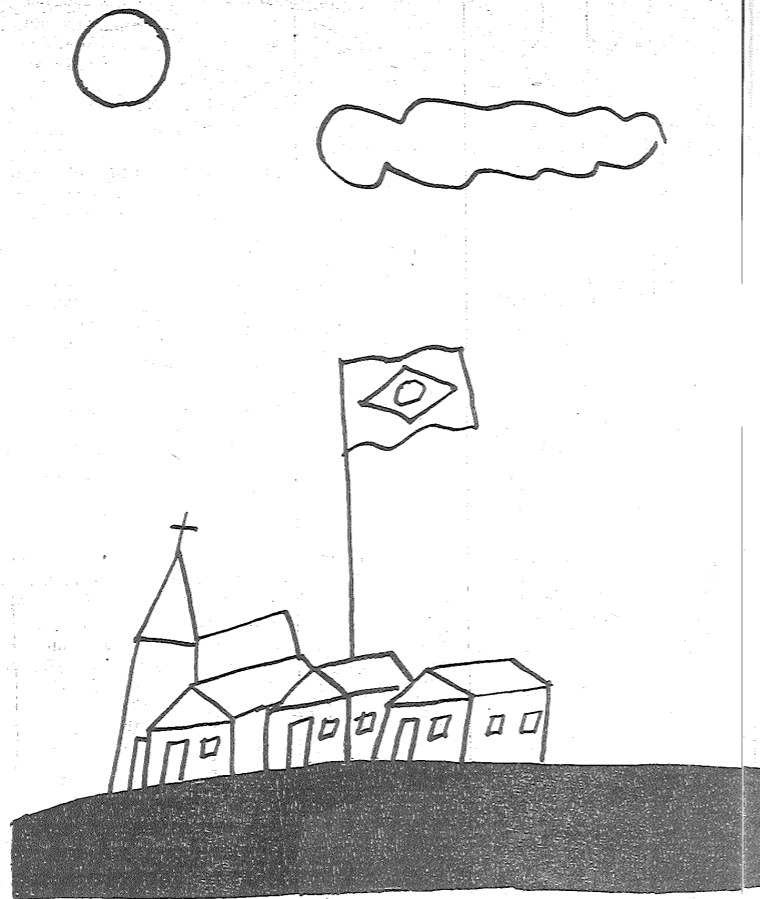
A política local, desenvolvida dentro de comunidades, bairros e municípios, começa a disputar espaços com a política regional e com a nacional. Um dos vários sintomas deste fenômeno é também a acelerada multiplicação de novos municípios. Técnicos da Justiça Eleitoral prevêem que até maio do ano que vem serão criados mais mil, elevando o total nacional para cerca de 5.700 municípios. Há desde motivações eleitoreiras até bairrismos, sem falar é claro no óbvio interesse em conquistar um pedaço do cobijado bolo de verbas federais distribuídas entre os prefeitos. Os interesses imediatos podem não ser nada nobres, mas o fenômeno da localização

da política tem um alcance bem mais amplo.

A chamada microdemocracia está surgindo como a contrapartida do processo de globalização e internacionalização que varre o mundo, desde o final dos anos 80, destruindo toda uma velha ordem econômica, social e política. O estardalhaço da queda do muro de Berlim, da unificação europeia, e da globalização econômica colocou a política mundial de pernas para o ar. A avalanche de mudanças nos países ricos ofuscou e desorientou totalmente os condôminos do antigo Terceiro Mundo, levando-os a uma perda de identidade na medida em que simplesmente desapareceram os parâmetros que, antes, os ajudavam a entender o que estava acontecendo a sua volta. A orfandade latino-americana é particularmente angustiante na medida em que o continente constata, no auge do maior empobrecimento já registrado em toda a sua história, que está sendo forçado a atrelar-se, subalternamente e por falta de alternativas viáveis, à locomotiva econômica norte-americana, mesmo sabendo que a máquina motriz dá claros sinais de estar necessitando de uma urgente retífica.

O que está acontecendo com a América Latina e com o Brasil é que ainda não realizamos integralmente a origem e o sentido das mudanças que nos afetam desde os anos 80. O modelo econômico monoexportador e de substituição de importações que garantiu a nossa inserção na economia capitalista mundial desde as décadas de 40 e 50 acabou, porque os preços dos produtos primários que vendíamos caíram a ponto de não garantir mais o equilíbrio de nossa balança comercial. Por seu lado, o parque industrial latino-americano, apesar da pujante para os padrões do antigo Terceiro Mundo, perdeu rentabilidade com a redução do mercado interno causada pelo empobrecimento, não se renovou tecnologicamente por falta de políticas industriais adequadas e acabou recorrendo ao corporativismo para tentar sobreviver. Tudo isto aconteceu simultaneamente ao aprofundamento de nosso endividamento externo, que esgotou a capacidade continental de buscar alternativas próprias para a crise.

A década perdida dos anos 80 provocou uma ruptura completa nos esquemas econômicos tradicionais no continente. A internacionalização



transferiu o poder de decisão na esfera produtiva, para fora de nossas fronteiras. Perdemos o pouco de influência que ainda detínhamos na fixação da estratégia industrial dos grandes conglomerados internacionais, que passaram a beneficiar outras áreas do planeta. O poder econômico dos estados latino-americanos entrou em agonia acelerada porque os governos não tiveram condições para administrar simultaneamente o endividamento externo e a gestão das centenas de empresas estatais que foram perdendo competitividade, ao mesmo tempo em que os sistemas públicos de ensino, saúde, pesquisa tecnológica e assistência social entravam em colapso. A desorientação e a ineficiência do Estado, num contexto de empobrecimento galopante, fizeram com que na base social surgisse o fenômeno da economia informal, que foi ocupando espaços cada vez maiores na medida em que o governo perdeu as rédeas da política econômica.

Sem o controle da macroeconomia, os governos latino-americanos começaram a perder também o controle da "microeconomia".

Praticamente todos os países do continente assistem hoje a uma explosão da informalidade, cuja intensidade está na razão direta do grau de desorientação e crise dos respectivos governos. No Peru e no Brasil, só para citar dois exemplos, os governos não sabem se oficializam ou não a

O que acontece com o Brasil é que ainda não realizamos integralmente o sentido das mudanças que nos afetam desde os anos 80

va-se da capacidade do sistema em absorver uma sociedade mais mobilizada. Em suma, dava-se como aceito que desenvolvimento econômico, planejamento estatal e controle social conformavam um quadro de ampla autonomia do Estado como promotor do processo de industrialização e da regulação do mercado de trabalho.

Este conjunto de indicadores mostram que estava em marcha um pacto conservador e excludente. De toda forma, havia metas a seguir e fórmulas e procedimentos legítimos que eram respeitados e que comportavam aprimoramentos.

Finalmente, gostaria de lembrar que embora tivessem havido essas condições favoráveis que impediram uma solução de continuidade, o país viveu uma situação bastante tensa e de muitas incertezas. E a população? Como reagiu frente a isso? Chorou a morte do presidente, praguejou o Clube da Lanterna de Carlos Lacerda e deu seu recado nas urnas. Expressou suas preocupações através dos canais competentes, isto é, através das eleições, deixando de votar ou votando em branco. As eleições presidenciais de 1955 tiveram a maior taxa de alienação na história das eleições presidenciais brasileiras desde 1945. Nada menos do que 45,5% dos eleitores votou em branco, anulou seu voto ou deixou de votar.

Juscelino Kubitschek foi eleito com apenas 34% dos votos válidos o que correspondia a 20% do eleitorado. Foi a menor votação recebida por um presidente brasileiro em todos os tempos. Esses resultados mostram que em momentos de incerteza, como os que hoje vivemos, quando o eleitor está perplexo e perde confiança quanto à eficácia de seu voto, ele se retrai. Este movimento

absenteísta reverteu-se nas eleições seguintes e o comparecimento eleitoral voltou a crescer durante o governo, nas eleições parlamentares. Não obstante esta vitória escassa, os

Em momentos de incerteza, como os que vivemos hoje, o eleitor, perplexo e sem confiança no seu voto, se retrai

fatores enumerados acima permitiram a JK um governo de coalizão altamente produtivo, através de uma sólida aliança no Congresso e nas Forças Armadas e de um Programa de trabalho que empolgou o país.

A crise do governo Vargas e a transição para a estabilidade e o desenvolvimento do governo JK fornecem assim um exemplo da centralidade do Congresso na política brasileira desde que emergimos como nação independente. Demonstram também a importância de arranjos partidários como suportes do entendimento político, particularmente entre Executivo e Legislativo.

Quando a elite dirigente dá mostra de que, através de instituições legítimas, é capaz de conduzir um país no caminho da democracia, da prosperidade e da tranquilidade dos lares, o eleitor anônimo, o cidadão comum, sabe fazer a sua parte.

Um anti-herói vanguardista

Há 20 anos morria Torquato Neto e nascia um cult poeta e moderno quixote da cultura brasileira

Wally Salomão



Beatriz

Astro doído a sonhar. O nosso moço das ansias. Pobre? Fauve! Fauve? Fraco herói underground. Fraco? Forte herói underground. Leão alado sem juízo. Tornado.

Brutalidade-jardim. Aliás Brutalidade-jardim era a cintilação oswaldiana preferida por T. N.

Vai, anjo gauche, desmantelar o coro dos contentes e fazer uma fusão de C. D. A. e Sousândrade e recusar o mesquinho lugar ao sol dos macaquitos orgulhosos, realistas cínicos e vulgares. Sua coluna *Geléia Geral* se constituiu no mais vibrante vento durante a ditadura militar enquanto as forças cegas, indomadas, soltas, enquanto a retórica tradicional da velha esquerda lamentava fazer escuro, Torquato desatinava e desafinava o coro dos contentes.

O mundo moderno foi forjado por dois históricos: Lutero e Don Quixote. Aqui é o fim do mundo da contra-reforma, da entrada retardada no capitalismo e a figura emblemática para nós é o cavalheiro das amarguras.

Tor, o poeta que se cria vidente, desferrolhado, indecente. Vai, dizia a poesia e ele foi e ele vai, magro e longo grafismo, natural de Tristeresina, nosso Cavaleiro da Triste Figura de Pindorama, coberto pelos escudos e armaduras poéticas dos livros que traçava. Pálida traça de livros. Qual Don Quixote de la Mancha, Tor também lia o mundo para demonstrar os livros e procurava viver numa continuação

Wally Salomão é poeta

vertigem passional. Pois é. Pois é: o poeta tinha que desembaraçar qualquer Dulcinea del Toboso das embiras e cipós e lianas da floresta de signos. O poeta sendo sabido através dos livros como aquele que acima das diferenças estabelecidas religa as similitudes malocadas das coisas.

Correspondances, de Baudelaire, radicalizada como analogia entre poesia e loucura. Programa a ser cumprido ao pé da letra, literalmente.

Partir satisfeito dum mundo onde a ação não é irmã do sonho. Destino decretado desde a estação de partida, como se estivesse carimbado desde o começo no bilhete da viagem-vida.

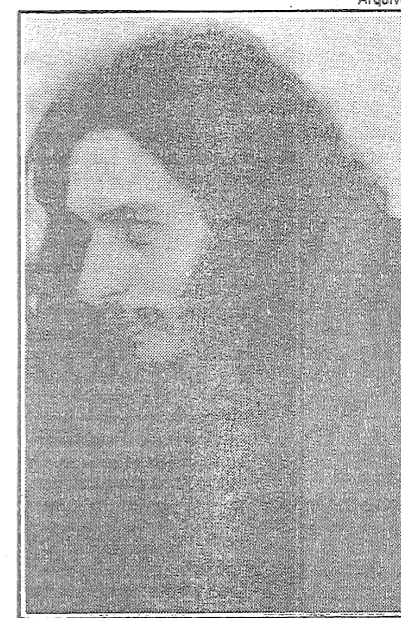
Ele, o santo guerreiro que bem sabia pelear para abrir campo para Sailormoon, Helio Otíctica, Ivan Cardoso, Jorge Salomão, Julio Bressane, Rogério Sganzerla, Luciano Figueiredo, Oscar Ramos e que sabia vibrar seu porrete de madeira de lei sobre a frouxa fase terminal do cinema novo....ele morria de medo de ser desaprovado aos olhos da mãe medusa, tirana que atendia pela graça do nome bíblico de Salomé e que semelha em mais de um aspecto à mãe de Charles Enivrez-vous Baudelaire.

O temor fulminante de se constituir no Idiota da Família.

Todas as crônicas, poemas, rascunhos, confissões do sanatório a que depois dei o título polissêmico *D'Engenho de Dentro*, tudo tinha de ser cancelado, borrado, apagado, queimado, e Ana Duarte resgatou da lixeira pouco antes de ser incinerado tudo, tudo, o que veio depois a constituir o volume que ela e eu organizamos: *Últimos dias de Paupéria*. O cuidado de queimar no fogo purificador, de passar a limpo, de esvaziar sua vida de toda erva daninha, de toda mácula, de toda sujidade, como nessas operações policiais denominadas "Operação Limpeza", para que, intacta, quer dizer vazia, a vida pudesse depor no tribunal teocrático. Quando editávamos juntos a *Navilouca*, edição primeira e única, Torquato me apareceu um dia depois de uma internação em sanatório com o cabelo completamente tosado, um *skin head* *avant la lettre*, e eu sofri uma premonição terrível, e insusceptível de uma velha negra toçada se oferecendo ao cutelo do matadouro.

O medo de ser doído aos olhos da mãe suserana. Ser feliz é ser capaz de olhar para si mesmo sem medo. O medo exclui a felicidade e inclui a melancolia. O doce moço pálido. Doce? Escorpião sobre si mesmo. Escorpião encravado em si mesmo. O doce moço tímido-audaz morre soterrado em suas perplexidades, mas seus recados, seus bilhetes não constituem nota de culpa para ninguém. A vida do moço estava contida num vaso delicado que se partiu, eis tudo: a morte não é vingança. Viver sua vida como se fosse seqüência de um filme de Jean-Luc Godard, lances de *A bout de souffle*, cenas recortadas de *Le petit soldat* e/ou *One plus one* e o final-remake de *Pierrot, le fou*. Afogado no bico de gás ou enroscado nas bananas de dinamite, tanto faz como tanto fez. O que importa é a imitação da vida da arte.

Assim falava Carlos Drummond de Andrade: nunca amei nada na vida/ quanto aquele pássaro/que vinha azul e doído/e se espantou nas asas do avião./ Assim falava Manuel Bandeira: /e num torpedo-suicida/ darei de bom grado a vida./ Assim falava Décio Pignatari: /alguém tem de ser medula e osso/Na *Geléia Geral* brasileira./ Esquecido as asas/Torquato Neto fez uma releitura literal/Brutal brutalista/Agônica/Brasiperada/dessa trinca papa-fina poética./ Torquato Neto encarnou o Cristo/Que o João Batista de três cabeças/da poesia brasileira prenunciava./ TN se transformou no esboço mais completo quase do mito de poeta *cult* do Brasil.



Arquivo

O poeta Torquato Neto: a vida como num filme de Godard

A *perversão totalitária do liberalismo* é o título de um dos livros que Michel Schooyans, professor de Filosofia Política, Ideologias Contemporâneas e Ética Social da Universidade de Louvain, na Bélgica, acaba de lançar na França. Em outro livro, *Da rerum novarum à centesimus annus*, o teólogo analisa cem

anos de encíclicas papais. Schooyans viveu no Brasil entre 1959 e 1969, e, mesmo depois que voltou à Bélgica, nunca deixou de acompanhar a vida no país em que morou dez anos. Mais uma vez de visita ao país, para onde vem regularmente uma vez por ano, Schooyans fala de suas apreensões diante da redefinição ideológica provocada pelo surgimento de uma nova

ordem mundial e aponta os caminhos para que os países do Terceiro Mundo superem a atual situação de pobreza. Temendo o que chama de tendência totalitária do liberalismo e a implantação generalizada de estratégias de controle populacional, Schooyans recomenda que a educação seja priorizada pelos governos.

Liberalismo novo e perigoso

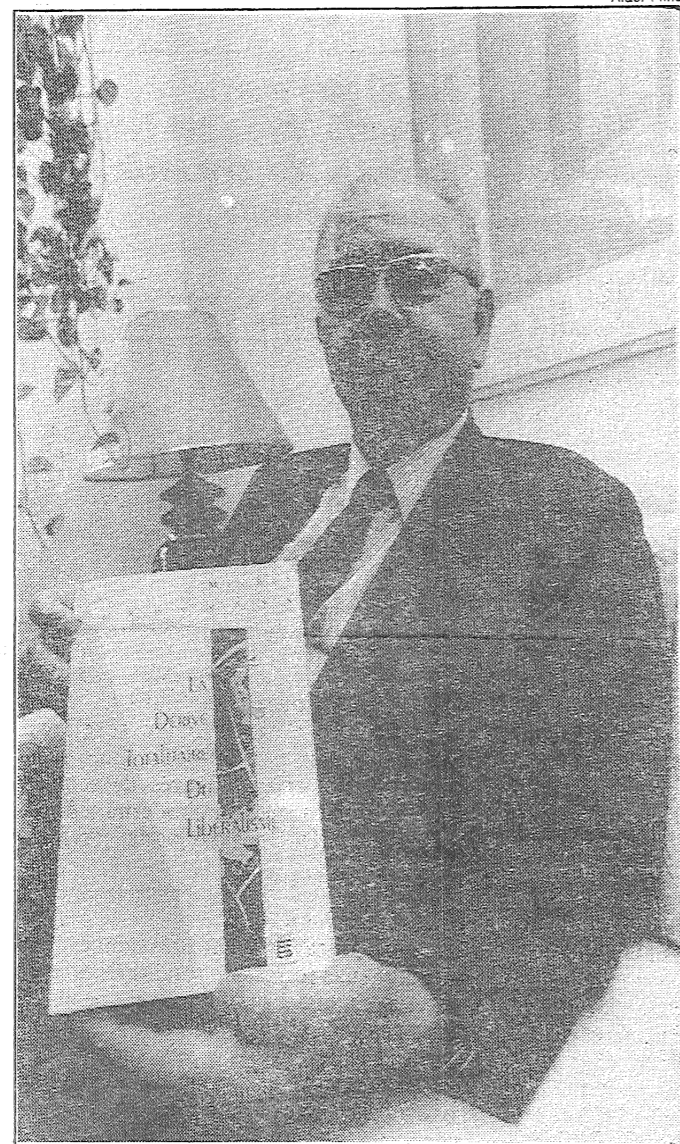
Marcelo Della Nina

— Como se caracteriza a perversão do liberalismo no mundo de hoje?

— Depois da implosão do sistema comunista, se poderia pensar que isso constitui uma vitória para os países de tradição liberal e para a ideologia liberal. É evidente que essa tradição tem muitos méritos que todos reconhecemos. Meu livro não faz o processo do liberalismo como tal, mas sim o processo de excessos possíveis e reais do liberalismo. O liberalismo estimula, por exemplo, a iniciativa privada, a afirmação do indivíduo, a criatividade. Mas os problemas começam quando o liberalismo se torna intransigente, quando cai numa perversão que tem um nome muito preciso: o anarquismo. O anarquismo é a afirmação descontrolada de certos indivíduos, da liberdade de certos indivíduos. Numa sociedade anárquica o que prevalece é sempre a lei do mais forte. O resultado dessa situação é que os mais fracos, os mais pobres, não têm possibilidade de se afirmar. Então, o que está acontecendo na prática é que a sociedade tende a se transformar num mercado que acaba esmagando os mais fracos. A perversão do liberalismo consiste numa tendência totalitária que recusa os elementos moderadores que são justamente produzidos pelo Estado, pelo poder político tanto nacional quanto internacional.

— As sociedades liberais estão se tornando totalitárias?

Todas as sociedades ocidentais desenvolvidas são, na realidade, sociedades mistas. Por um lado, elas devem muito à tradição liberal, mas, por outro, também devem muito à tradição socialista. O que essas sociedades devem à tradição socialista é justamente uma intervenção do poder es-



Michel Schooyans: ameaças do liberalismo

tatal para acalmar uma possível perversão, para segurar o ímpeto daquelas vontades fortes que estão querendo esmagar os mais fracos. O elemento moderador, nesses casos, é muito importante. Mas pode acontecer, e é isso que está acontecendo atualmente, ao meu ver, que a sociedade toda seja aos poucos transformada num mercado onde prevalece a lei da oferta e da procura sem que haja nenhum fator de equilíbrio, de moderação. Numa sociedade como essa é evidentemente o mais forte que vence. O mais fraco não

tem vez. Ele fica reduzido a uma coisa útil ou inútil. O totalitarismo, na sua forma liberal, tem isso de perverso: considera-se o homem não apenas como produtor ou consumidor, mas também como um produto, produzido de acordo com o interesse, a utilidade, ou até com o prazer de alguns dos mais ricos, dos mais fortes. Esse me parece ser o problema central atualmente, tanto no setor das políticas nacionais quanto da política internacional. O homem virou um produto. Só vale o homem útil. Só vale o homem solvável, isto é, aquele que é capaz de pagar. É capaz de pagar porque é capaz de produzir. Mas o pobre, que não tem capacidade de pagar nem de produzir, é visto como um sujeito que perturba a paz do mercado, que altera a mecânica do Estado. Portanto, esse homem deve ser marginalizado, eventualmente eliminado, em todo caso, deve ser considerado indigno de se reproduzir. O drama dessa

forma de totalitarismo é que em vez de elevar o pobre, de equipá-lo, dando-lhe instrução, dando-lhe educação, tornando-o capaz de enfrentar os próprios problemas, deixa-o no limbo da sociedade e vai eliminando-o aos poucos. Nota-se a evolução dessa perversão inclusive nos países ricos, através da utilização de armas novas, de armas biomédicas. Quando se examina a lógica que inspira a prática da esterilização, a prática do aborto, da eutanásia, que já é uma coisa muito difundida em certos países, como, por

Merquior

Desejo fazer algumas observações sobre o brilhante artigo do Professor Sergio Paulo Rouanet em homenagem a Merquior, publicado no último domingo (*Idéias/Ensaio* 05/01/92).

O articulista faz um resumo bastante acurado das férteis idéias do intelectual precocemente falecido, se utilizando das três principais "linhas de ataque" de Merquior: o marxismo, a psicanálise e a arte de vanguarda. Como psicanalista interessa-me mais a segunda, embora esteja plenamente de acordo com a abordagem das demais.

Penso que o Prof. Rouanet expressa uma grande verdade quando afirma que Merquior deveria ter visto em Freud um aliado na luta a favor da razão, e não um inimigo. Aliás, esta idéia está claramente demonstrada em seu magnífico "A Razão do Iluminismo". Mas é preciso dizer que Merquior não contou, de nossa parte, com interlocutores a altura que pudessem estabelecer um diálogo produtivo para ambas as partes. Alguns fatores levaram a esta situação,

um deles aquele apontado pelo articulista, pelo próprio Merquior e Karl Popper: criticar a psicanálise é "resistir", num uso pervertido de uma noção teórico-técnica restrita e muito mal compreendida. Outro é o pouco interesse, por parte da maioria dos psicanalistas em debates intelectuais, estando a maioria dedicada à clínica. Ainda outro, o preconceito quanto às atividades profissionais de Merquior, numa época em que a "moda" era ser marxista ao estilo conceituado como ocidental por Merquior.

Confundia-se o diplomata, servidor público de governos autoritários, com o intelectual de primeira linha. Confundia-se (talvez deliberadamente) o alto nível do debate de Merquior com os marxistas, com suas funções públicas, taxando-o de reacionário e conservador, quando na verdade escreveu as mais importantes páginas do moderno liberalismo no Brasil. (...)

Gostaria de fazer uma pequena correção quanto ao papel exercido pela Associação Psicanalítica Internacional que foi comparada pelo articulista às funções dos partidos marxistas. A API não é uma "guardiã" de conhecimentos revelados pois as mais diversas correntes psicanalíticas florescem em seu seio. Sua função é a de estabelecer e manter os padrões mínimos da formação e critérios de progresso psicanalítico em suas entidades filiadas. Heitor Fernando Bandeira de Paola, Rio de Janeiro.

Controle do imaginário

Uma resposta ao desafio de Luiz Costa Lima (entrevista em *Idéias/Ensaio* de 19/01/92) para que fosse apontada a fonte da qual ele teria copiado (sic) sua hipótese do controle do imaginário, segundo críticas correntes, pode ter como ponto de partida as obras de Jean Paul Sartre, *A Imaginação*, de 1936, e *O Imaginário*:

Psicologia Fenomenológica da Imaginação, de 1940.

Nestes textos, em resumo, Sartre espousa a tese de a imaginação ter um significado de subjetividade liberada, mas com tal liberdade sujeita à "escravidão" pela consciência auto-referenciada. Daí, surgiria em decorrência o narcisismo nas artes, a neurose nas relações sociais e, sobretudo, o fascínio da negação do mundo real pela imaginação supostamente livre. De qualquer modo, o filósofo existencialista previu, como saída da patologia de se buscar o real pelo irreal, a adoção da "indiferença" por parte dos intelectuais engajados, algo simétrico à solução do "conflito" proposto por Costa Lima, quanto à produção literária e a um contexto de imaginário coletivo submetido a poderes e influências diversas.

Um exame mais profundo da questão revelaria, contudo, que o tema do controle do imaginário não foi inédito em Sartre: os filósofos estoicos do século III a.C. e seguintes já discutiam-no à luz de um "assentimento" assumido diante da *phantasia kataleptika*, como também aconteceu por caminhos e postulações diferenciadas em Espinosa, Kant, Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger, Barthes ou Derrida.

Portanto, não é cabível a expressão "cópia" ao se tratar de um problema que se confunde com a própria história da filosofia e que admite múltiplas interpretações, ora liberadoras da imaginação, ora voltadas para sua contenção. Efetivamente, Costa Lima fez uma "atualização" cumprindo-a de forma brilhante, ao abordar a questão da manipulação do imaginário social na pós-modernidade.

No mais, a queixa de Luiz Costa Lima quanto ao patulismo inerente aos intelectuais brasileiros, confirmando anterior observação de Levi-Strauss, parece-me mais um exemplo significativo de controle do imaginário do que submissão ao pensamento produzido fora do país. Lamartine P. Costa, Rio de Janeiro.

Unidade Nacional

O távio Velho tem todo o direito de ser monarquista, mas precisa melhorar urgentemente seus argumentos. Cito um exemplo: logo ao início de seu artigo, publicado no caderno *Idéias/Ensaio* do dia 11 de janeiro, o autor salienta "a consolidação da unidade do país (hoje, pelo que se diz, contestada)" como um importante feito do século 19. De fato, mas o que significa dizer que *hoje* essa unidade é contestada? Acaso não sabe o ilustre antropólogo que essa unidade foi intensamente contestada durante o Império, e que somente foi obtida a ferro e fogo? Batista lembrar a Revolução Farroupilha, que foi sufocada após 10 longos anos de luta sangrenta. A tão decantada unidade nacional não resultou de um civilizado consenso, mas de uma cruel imposição político-militar. "Riscar" os fatos de nossa história, como diz o autor, não é, de fato, a melhor maneira de se discutir esse assunto. Mário Brockmann Machado, Rio de Janeiro.

Para revirar no túmulo

Mortos ilustres são usados como garotos-propaganda e manipulados pelo Estado e por herdeiros

Helena Salen



Que os mortos descansem em paz. Mas nem sempre podem.

Os povos tradicionais veneram seus mortos, transmitem seus conhecimentos, bebem no seu saber acumulado. Nós, colocamos nossos mortos — aqueles mais ilustres — para vender cerveja, virar nota condensada à mísera, ou, talvez ainda pior, permanecer no silêncio obscurantista.

Rever Vinícius de Moraes na televisão, "que seja eterno enquanto dure" — seu pensamento, sua poesia, sua verdade —, pode fazer bem à alma. As imagens e efeitos são indiscutivelmente bonitos. Lá no Céu, onde seguramente se encontra, ele deve estar achando até engraçado, com a irreverência que sempre o caracterizou. Tudo poderia até ser — se o objetivo não fosse o que é: retirar o morto de seu descanso, de sua grandeza de sábio-poeta, para vender cerveja — embora, se bem me lembro, ele fosse mais do whisky —, nenhum problema. Mas agora, sem que ele possa dizer nem sim nem não, cada vez que vejo esse anúncio sinto um profundo desconforto. Um morto meu também está sendo desrespeitado. A tribo é maior.

Da mesma maneira que sinto ao deparar com Carlos Drummond de Andrade estampado numa rele nota de Cr\$ 50,00. Logo Drummond que nunca admitiu, sequer, entrar para a Academia! Ponho-me a imaginar o que escreveria o poeta, em suas crônicas feridas no JB, se um dia pudesse se imaginar camafem de Cr\$ 50,00?

E Di Cavalcanti, o Di da Semana de 22, tão livre, concordaria que um documentário sobre a sua despedida do mundo — Di —, de também saudoso e grande Glauber Rocha, fosse proscrito (porque os herdeiros assim o quiseram, e a Justiça acedeu)? Glauber desrespeitou Di? Será?

Di não pode, mas Vinícius vendendo cerveja pode. Deveria haver um meio da sociedade participar e interferir nos destinos da "herança" cultural. Que filmes, livros, músicas fossem transformados em apartamentos pelo Estado, sei lá, um mecanismo qualquer para restituir os herdeiros imediatos, como filhos e netos, e a sociedade — que alimentou e se viu revelada nos sonhos de seus artistas —, pudesse atuar sobre os rumos da herança cultural. Em verdade, nossa história, nosso espelho, nossa fonte.

Talvez seja uma questão de reaprender com os povos tradicionais. Fomos tão longe. E perto demais.

Helena Salen é subeditora do caderno *Ecologia do JORNAL DO BRASIL*.